

Fabiano Eloy Atilio Batista
(Organizador)

A arte
e a
cultura
e a
formação humana

 **Atena**
Editora
Ano 2022

Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)

A arte
e a

cultura
e a

formação humana

 **Atena**
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



A arte e a cultura e a formação humana

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 A arte e a cultura e a formação humana / Organizador
Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa - PR: Atena,
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0172-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.728221104>

1. Arte. 2. Cultura. 3. Formação humana. I. Batista,
Fabiano Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 701

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

“A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo” (FISCHER, 1987, p. 20)¹.

Estimados leitores e leitoras;

É com enorme satisfação que apresentamos a vocês a coletânea **“A arte e a cultura e a formação humana”**, dividida em dois volumes, e que recebeu artigos nacionais e internacionais de autores e autoras de grande importância e renome nos estudos das Artes e das Culturas.

As discussões propostas ao longo dos 30 capítulos, que compõem esses dois volumes, estão distribuídas nas mais diversas abordagens no que tange aos aspectos ligados à Arte, à Cultura e à Diversidade Cultural, bem como discussões que fomentem a compreensão de aspectos ligados à sociedade e à formação humana.

Assim, a coletânea **“A arte e a cultura e a formação humana”** busca trazer uma interlocução atual, interdisciplinar, crítica e com alto rigor científico, a partir das seguintes temáticas: artes, música, cultura, sociedade, identidade, educação, narrativas e discursividades, dentre outras.

Os textos aqui reunidos entendem a “[...] arte como produto do embate homem/mundo, [considerando] que ela é vida. Por meio dela o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece (BUORO, 2000, P. 25)².”

Nesse sentido, podemos lançar diversos olhares a partir de diferentes ângulos que expandem nosso pensamento crítico sobre o mundo e nossa relação com ele. As reflexões postas ao longo desses dois volumes oportunizam uma reflexão de novas formas de pensar e agir sobre o local e global, reconhecendo, por finalidade, a diversidade e a compreensão da mesma como um elemento de desconstrução das diversas desigualdades.

A coletânea **“A arte e a cultura e a formação humana”**, então, busca, em tempos de grande diversidade cultural, social e política, se configurar como uma bússola norteadora para as discussões acadêmicas nos campos das Artes e da Cultura.

Por fim, esperamos que os textos aqui expostos possam ampliar de forma positiva e crítica os olhares e as reflexões de todos os leitores e leitoras, favorecendo o surgimento de novas pesquisas e olhares sobre o universo das artes e da cultura para formação humana.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atilio Batista

1 FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

2 BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A ARTE ATIVISTA NA HISTÓRIA DA ARTE CANÔNICA. A PRESENÇA OU A AUSÊNCIA?

Agel Teles Pimenta

Arthur Hunold Lara


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7282211041>

CAPÍTULO 2..... 14

COLETIVO ORGANISMO PARQUE AUGUSTA: AS REIVINDICAÇÕES DE UM COLETIVO DE ARTE ATIVISTA NA METRÓPOLE PAULISTANA

Agel Teles Pimenta


Arthur Hunold Lara

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7282211042>

CAPÍTULO 3..... 25

O DOCUMENTÁRIO E POSSÍVEIS CONEXÕES COM AS ARTES


André Hallak

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7282211043>

CAPÍTULO 4..... 37

RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E POLÍTICA NA INSTITUIÇÃO DE ARTE, O CASO DA 33A BIENAL DE SÃO PAULO

Elaine Fontana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7282211044>

CAPÍTULO 5..... 50

A REFLEXIVIDADE (AUTO) BIOGRAFIA NUMA EXPERIÊNCIA DE MUSICALIZAÇÃO INFANTIL EM FORMATO LIVE STREAMING NO INSTAGRAM DURANTE PANDEMIA

Bárbara Trelha Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7282211045>

CAPÍTULO 6..... 60


BEBÊS E FAMÍLIAS: UMA EXPERIÊNCIA COM VIVÊNCIAS MUSICAIS

Ana Lúcia da Rosa Lutckmeier

Djeniffer Heinzmann Chassot

Fabiane Araujo Chaves

Cristina Rolim Wolffenbüttel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7282211046>

CAPÍTULO 7..... 71

EDUCAÇÃO MUSICAL ESPECIAL: RELATANDO EXPERIÊNCIAS NO PLANEJAMENTO E PRÁTICAS DE ALUNOS COM PARALISIA CEREBRAL E MÚLTIPLAS DEFICIÊNCIAS

Murilo Alves Ferraz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7282211047>

CAPÍTULO 8..... 85


CONTAINER MUSICAL: UM ESPAÇO DE INCLUSÃO SOCIAL E CULTURAL

Marcos Vinicius Santana Prudente

Anselmo Araújo Matos

José Wlamir Barreto Soares

Alysson Távora Chagas


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7282211048>

CAPÍTULO 9..... 92

EXPERIÊNCIAS EM CRIAÇÃO: UM CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO DA DISCIPLINA PERCEPÇÃO MUSICAL EM CURSOS DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA

Gisele Maria Marino Costa

Gislene Marino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7282211049>

CAPÍTULO 10..... 106

QUIZ PET MÚSICA: A GAMIFICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA A APRENDIZAGEM MUSICAL

Doanny Lira do Vale


Cicero Ramon Fernandes de Carvalho

Judá Holanda Feitosa

Marcus Aurelius Batista Freire

Renata Lima Silva

José Robson Maia de Almeida


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72822110410>

CAPÍTULO 11..... 119

AMBIENTE SONORO, SUA ORGANIZAÇÃO E PERTENCIMENTO NO CONTEXTO ESCOLAR

Luiz Francisco de Paula Ipolito

Tais Helena Palhares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72822110411>


CAPÍTULO 12..... 130

A EXPRESSÃO CORPORAL NA PREPARAÇÃO DO CORO INFANTOJUVENIL E O USO DE NOTAÇÃO NÃO CONVENCIONAL

Alex Barbosa de Lima

Hudson de Souza Campos


Vitor Hugo Aguilar de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72822110412>

CAPÍTULO 13..... 146

EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: CONTRIBUIÇÕES DOS MOVIMENTO NEGRO E INDÍGENA PARA O CURRÍCULO REFERÊNCIA DE MINAS GERAIS

Paulo Henrique Barbosa Silva


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72822110413>

CAPÍTULO 14..... 161

O DESIGNER COMO FERRAMENTA DA CULTURA DIGITAL

Gabriela Dias da Silva

Jonas Defante Terra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72822110414>

CAPÍTULO 15..... 174

LITERATURA COMO REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO VIVIDO

Gustavo Gabriel Garcia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72822110415>

SOBRE O ORGANIZADOR 189

ÍNDICE REMISSIVO..... 190

LITERATURA COMO REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO VIVIDO

Data de aceite: 01/04/2022

Gustavo Gabriel Garcia

RESUMO: O presente artigo busca por meio do enredo apresentado pela obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha, como “Geração do Deserto” de Guido Wilmar Sassi, expor as relações de diferentes espaços relacionais. Assim essas obras foram tomadas como referência, objetivando apresentar a espacialidade e a geograficidade do Sertão nordestino e paranaense, e suas singularidades, como espaço vivido, permeado por múltiplas relações. Objetivo do artigo é interpretar a representação do caboclo e do nordestino presente nas obras, e como a mesma contribui para desvelar o espaço vivido, e consequentemente os conflitos que transcorrem as narrativas e o espaço geográfico. Dessa maneira é possível constatar o contraste entre o espaço vivido e organizando segundo preceitos locais, e outro organizado segundo padrões mercadológicos, alienado aos interesses sociais da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço vivido. Sertanejo. Comunidade. Capitalismo.

ABSTRACT: This article seeks through the plot presented by the work “Os Sertões” by Euclides da Cunha, as well as “Geração do Deserto” by Guido Wilmar Sassi, to expose the relationships of different relational spaces. Thus, these works were taken as a reference, aiming to present the spatiality and geographicity of

the Northeastern and Paraná Sertão, and their singularities, as a lived space, permeated by multiple relationships. The objective of the article is to interpret the representation of the caboclo and the northeastern present in the works, and how it contributes to unveiling the vivid space, and consequently the conflicts that occur in the narratives and the geographic space. In this way, it is possible to verify the contrast between the space lived and organized according to local precepts, and another space organized according to market standards, alienated from the social interests of the community.

KEYWORDS: Lived space. Countryside. Community. Capitalism.

INTRODUÇÃO

O entrelaçamento entre Geografia e Literatura não é recentes, segundo Michel Collot (2012), a ideia de relacionar a literatura com estudos geográficos – ou naturalistas – tem como marco o ensaio de Madame de Staël (1766-1817), que opunha as literaturas do Norte às do Sul. Contudo foi necessário esperar até o início do século XX para conceber pela primeira vez, o termo “geografia literária”, que apareceu inicialmente em um trabalho publicado na França, intitulado de “[...] Esboço de uma geografia literária anexada a um estudo sobre [...] As Literaturas das Províncias”.

As pesquisas de Geografia referente a Literatura só ganharam visibilidade a partir de 1970, com o avanço da corrente de pensamento

humanística e crítica, que tornara-se predominante nos trabalhos científicos. Autores como Paul Claval, Roberto Lobato Corrêa, Armand Frémont e Michel Collot, contribuíram diretamente para fundamentação do estudo da Literatura como fonte de pesquisa objetiva e subjetiva na ciência Geográfica.

A Literatura como fictícia e imaginária constrói narrativas que permitem a relação com a Geografia, pois a mesma é resultado de um trabalho empírico e imaginário. A Literatura possui em si mesma a característica de representar o real, e conseqüentemente o espaço, por meio de ampla descrição dos aspectos humanos e naturais, inclusive obras de cunho regionalista, como, “Grande Sertão: Veredas» de Guimarães Rosa; “Vidas Secas” de Graciliano Ramos; “O Cabeleira” Franklin Távora, dentre tantos outros.

A Literatura é o entrelaçamento entre os aspectos empíricos e imaginários, pois se fosse só empírico seriam considerados documentos históricos e informativos; e se fosse só resultado da imaginação do autor, sem relação com o mundo factual, não teria nem um sentido ou validade, pois seria apenas compreendida pelo autor da obra, como expressa Antônio Candido (1985).

Atualmente os trabalhos de Geografia que se interessam pela interface Geografia-arte têm aumentado quantitativamente, abarcando a Literatura, Cinema, Teatro, Arte visual, Fotografia, Música. Esses estudos que são realizados pelos geógrafos podem ser classificados em duas vertentes, a primeira que trata de focar os aspectos da materialidade, como questões sociais, ambientais, econômicas, culturais, políticas, ideológicas referente ao meio geográfico. A segunda vertente se interessa pelos aspectos imateriais, especificamente pela linguística, simbolismo, afetividade, sentido, imaginação e criação.

Essas vertentes possibilitaram duas compreensões distintas de Geografia e Literatura: a primeira entende a literatura como um documento, produto de uma determinada sociedade que guarda traços de suas especificidades econômicas, culturais, naturais e territoriais; já a segunda vertente, entende a literatura como potência criadora de mundos, constituindo a realidade, e permeando a mesma, buscando revelar parte da essência do mundo no ser.

A relação entre a Ciência Geografia e a Literatura configura-se em um avanço na significação e representação do espaço geográfico; um refinamento na forma de compreender os múltiplos significados que compõem a realidade geográfica. Os geógrafos situam “na Literatura a melhor expressão da relação concreta, afetiva e simbólica a unir o homem aos lugares, e os escritores se mostram, do seu lado, cada vez mais atentos ao espaço em que se desenvolve a escrita” (COLLOT, M. 2012, p.19).

Dessa forma o presente artigo busca apresentar a obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha e “Geração do Deserto” de Guido Wilmar Sassi, como referência no estudo do espaço vivido, possibilitando abordar a espacialidade de milhares de caboclos que participaram da Guerra de Canudos e do Contestado.

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866-1909), é considerado um escritor

pré-modernista, citado como um expoente do modernismo, devido a grandeza de sua obra “Os Sertões”, que marcou gerações, e continua fazendo história, pela sua escrita barroca, profusamente descritiva, que narra em suas páginas um Brasil até o século XX desconhecido do mapa nacional. A Narrativa projeta a aspereza, agudeza e dureza da guerra de Canudos e de milhares de nordestinos, abandonados, mas que passam a ser protagonista, de um dos maiores conflitos da história republicana. Assim a obra localiza o sertão brasileiro na História como no mapa.

A obra “Os Sertões”, configura entre as literaturas mais importantes para pensar a formação da sociedade brasileira, ao lado de “Casa-grande e senzala” (1933), de Gilberto Freyre, e “Raízes do Brasil” (1936), de Sérgio Buarque de Holanda. São obras que retratam o Brasil e suas questões sociais, econômicas, culturais e políticas, no início do século XX, ganhando um caráter documental.

Guido Wilmar Sassi (1922-2002) escritor regionalista, é autor da obra “Geração do Deserto”, que narra o conflito do Contestado que ocorreu entre os estados de Santa Catarina e Paraná (1912-1916). Considerado um dos maiores expoente do regionalismo moderno, exibiu em seu romance o drama de milhares de caboclos que sofreram a desocupação de suas terras e os ataques das forças militares. Assim o autor concebe voz aos oprimidos, possibilitando compreender a posição dos mesmos, em meio ao discurso hegemônico.

As duas obras visam dar enfoque aos fatos históricos que ocorreram no Brasil no início do século XX, marcando o governo republicano, dessa forma, essas obras apresentam características documental, que possibilitam entender esse momento. O Brasil é apresentado como multifacetado pelo regionalismo, retratando sua diversidade cultural e social, mas também apresentam os problemas comuns em quase todas as regiões, como a luta pela terra, opressão sobre a população mais pobre, e a ignorância.

O movimento modernista na Literatura brasileira, inclusive o regionalismo, voltou-se para dentro do Brasil, a fim de apresentar a diversidade e a riqueza da sociedade brasileira e do ambiente natural, mas também de denunciar as injustiças sociais que oprimiam a sociedade.

OS SERTÕES COMO REPRESENTAÇÃO DE FORÇAS ANTAGÔNICAS

Este livro-reportagem foi organizado em três partes. A primeira, intitulada como “A Terra”, em que o autor se debruça sobre os aspectos geofísicos do Brasil e da região Nordeste, ressalta os fenômenos cíclicos das estiagens nessa região. Através de uma linguagem artística e científica, retrata o cenário da narrativa e do meio ambiente que compõe a realidade nordestina a partir de uma descrição apurada da paisagem semiárida da Caatinga.

A segunda parte é intitulada “O Homem”. Nesse tomo, o narrador descreve o perfil

do homem sertanejo, seus costumes, práticas, tradições e origem, em que busca relacionar os aspectos ambientais com a formação do morador da região de Canudos; descreve a resistência desse povo e suas asperezas, ocasionadas pelo ambiente árido e hostil em que vivem; dedica-se a estudar minuciosamente o líder espiritual Antônio Conselheiro, responsável pela formação do arraial de Canudos, no interior baiano. Assim, o narrador constrói os personagens nordestinos de seu enredo ante a influência darwinista, positivista e determinista, construindo a teoria dos “dois Brasis” – “de um lado, o sertão anacrônico e bárbaro; de outro, o litoral, em sua marcha decisiva, ainda que incipiente, em direção à modernidade.” (MURARI, 2007, p.23).

A última parte é intitulada “A Luta”, na qual é relatado o conflito entre as tropas governamentais e os moradores do arraial de Canudos – um embate entre “dois Brasis” que compõe a narrativa de um momento histórico. Nesse trecho, é possível compreender as contradições que originam a sociedade brasileira.

De acordo com Candido, “Os sertões” inaugura “[...] o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre regiões litorâneas e o interior)” (CANDIDO, 1985, p.133). Sendo assim, contribuiu para a formação de uma consciência nacional – além de possibilitar a investigação das contradições e dos problemas endêmicos ao Brasil e sua população.

Euclides da Cunha representa o arraial de Canudos em suas linhas, composto por milhares de nordestinos, que buscavam em meio ao abandono do Estado a salvação por intermédio de Antônio Conselheiro, o qual desempenhava a função de guia espiritual.

A organização da terra elaborada por Canudos era concebida como primitiva, pelos ruralistas, que defendia o modelo de produção monocultor desenvolvidos em latifúndios, de base escravista – herança do período colonial das sesmarias que exercia seu poder sobre os sertanejos.

No caso de Canudos, uma predisposição da elite em depreciar o comportamento rural foi levada a extremos devido à utilidade política de interpretar os eventos de maneira exacerbada. Para os observadores “do litoral”, o Conselheiro representava fanatismo, dissidência e manipulação da população rural pela qual eles sentiam um misto de pena e aversão. (LEVINE, 1995, p.31).

Predominava certo estigma a respeito do nordestino nas populações urbanas do litoral, promovido principalmente pelos grandes proprietários de terras, e pela burguesia em ascensão, em prol de seus próprios interesses. O primeiro reagindo “àquele golpe repentino, à perda de uma mão-de-obra normalmente dócil” (LEVINE, 1995, 23), e o segundo possuíam intenções de estimular a imigração de europeus para o Brasil, com objetivo de branquear a população brasileira.

De acordo com Martins, (1994, p.13) o Estado republicano que surgia, com discurso

modernizador e visando o progresso, “era baseado em relações políticas extremamente atrasadas, como as do clientelismo e da dominação tradicional de base patrimonialista, do oligarquismo. No Brasil, o atraso é um instrumento de poder”. Assim, autor conclui que, modernização reforçou o atraso.

“Belo Monte” para Antônio Conselheiro era a resistência ao poder vigente. Esse poder era retratado por ele como a besta, que objetivava persuadir e destruir a humanidade. Suas explicações eram fundadas em textos sagrados. Assim a organização social de Canudos derivava de sua ideologia religiosa, tornando todos que ali viviam em irmãos. De acordo com Martins:

[...] que essa religiosidade, com seu apelo cristão de construção de uma fraternidade universal, estabeleceria os traços identificadores no processo semiótico de leitura/captura do referente modo de produção sertanejo e que, desse desenvolvimento, só poderia resultar uma concepção de trabalho mutualista, cooperativo, solidário ou, numa única palavra, fraterno. O adjunto sertanejo, prática intensamente utilizada pelas comunidades rurais do sertão brasileiro até os nossos dias, é o produto cultural mais genuíno dessa práxis laborativa. (MARTINS, 2007, p.4-5).

O modelo cooperativista adotado no arraial de Canudos, de ajuda mútua originário do meio rural, a qual se “desenvolveria com a prática disseminada do modelo mutualista de produção, o que equivale dizer: Canudos foi um grande mutirão e Antônio Conselheiro seu organizador e gestor”. (MARTINS, 2007,p.5)

A organização econômica da comunidade seguia a tradição sertaneja. Os conselheiristas, desde os anos de peregrinação, adquiriam o gado por meio de esmolas, caçavam e auxiliavam os pequenos agricultores no plantio e colheita através de mutirões. (VILLA, 1995, p.64).

Destarte Canudos foi um grande mutirão, “cuja liderança assumiu uma forma de autoridade singular, a qual identificamos como a de um “coronel com o sinal contrário” ou de um “coronel pelo avesso”, parodiando a ideia euclidiana sobre Antônio Conselheiro (MARTINS, 2007, p.15).

Euclides da Cunha descreve o aumento acelerado desse arraial e como eram construídas as casas, como pode ser observado no trecho abaixo:

A edificação rudimentar permitia à multidão sem lares fazer doze casas por dia; - e a medida que se formava, a tapera colossal parecia estereografar a feição moral da sociedade ali acoitada. Era a objetivação daquela insânia imensa. Documentos iniludível permitindo o corpo de delito direito sobre os desmandos de um povo. Aquilo se fazia a esmo, adoidadamente (CUNHA, 2018, p. 291).

Assim em pouco tempo o pequeno arraial já se tornava um dos lugares mais populosos da Bahia. A construção deu-se de forma livre, sem planejamento, resultando em uma rua denominada de Campo Alegre, que dividia a cidade em duas partes e terminava na praça da igreja velha, aonde o Conselheiro iniciou a construção de uma nova igreja. O

resto da cidade era como um labirinto formado por estreitos pátios internos irregulares, e as casas construídas sem padrões.

De acordo com Euclides da Cunha, a organização e a construção do arraial refletiam a desorganização mental daqueles que ali se ajuntavam; era a prova material de um povoamento retrógrado e bárbaro. Em alguns trechos, o autor relata que o arraial se assemelhava a uma cidade sacudida por um terremoto, tamanha a desordem. Em outro momento relacionando às casas construídas em Canudos, como a transição da caverna primitiva para a casa, que acabou sendo malsucedida. “Era a Troia de taipa”.

O geógrafo Armand Frémont (1980) defende a tese que o homem vive em simbiose com seu espaço, concebendo identidade ao mesmo. Assim é possível constatar o espaço vivido, que tem suas marcas próprias, materializadas, exprimindo suas características próprias. Frémont estuda os espaços da Revolução da Argélia (1954-1962) e compara o espaço dos combatentes argelinos e do colonizador. De acordo com o geógrafo francês:

O refúgio, os lugares da clandestinidade encontram-se na velha cidade árabe, a “Kasbah”, anterior à colonização, fechada sobre si própria, numa rede de casas de pátios fechados e de ruelas ou escadarias obscuras, facilmente conhecidas pelos que as vivem de dentro, mas que surgem como um perigoso labirinto para o estranho [...] O combatente argelino depressa aprende a conhecer o espaço da clandestinidade e do combate na sua mais fina intimidade. (FRÉMONT, 1980, p. 247, 248.).

É possível relacionar a análise de Frémont a Canudos, pois o espaço da revolução proposta pelo autor é intimamente parecido com a organização espacial do arraial de Canudos. A forma que o Arraial é construído remete a um espaço de resistência – que não atende às características de um espaço organizado pelas forças colonizadoras e sim pela experiência de vida de seus moradores que ali se estabeleciam. Assim como Kasbah, Canudos tornou-se refúgio de milhares de desalentados que, lutando pela sua sobrevivência, buscavam fugir das mazelas que os assolavam.

Assim Canudos tornava-se um lugar de esperança para milhares de homens e mulheres, que buscavam um local para viver sua vida longe da opressão dos coronéis. De acordo com Edmund Moniz (1987, p.46) a educação era considerada de suma importância para Antônio conselheiro, que fundou duas escolas no arraial e acompanhava de perto o ensino, “que se estendia aos adultos que quisessem aprender a ler a escrever. A gente rude e primitiva que seguia Antônio Conselheiro sentia a necessidade de civilizar-se e dar seus filhos a instrução que não tivera”.

Euclides da Cunha relaciona o surgimento de Canudos – e suas crenças – à invisibilidade da região diante dos poderes públicos como reflexos de 300 anos no esquecimento, carente de políticas inclusivas, ausente de qualquer plano de desenvolvimento socioeconômico, alheia aos interesses políticos.

O interior do Brasil se viu isolado do litoral por muitos séculos, especificamente o sertão nordestino. Assim escreve que a população nordestina foi largada “na penumbra

secular em que jazem, no âmago do país, um terço da nossa gente” (CUNHA, 2018, p. 317). E conclui utilizando analogia entre a escala geográfica e histórica, na seguinte passagem: “Porque não no-los separa um mar separam-no-los três séculos...”

É possível constatar a negligência do governo e suas respectivas políticas públicas com relação ao interior do país. Fez-se necessário uma intervenção das forças políticas e meios de inclusão para estabelecer a unidade nacional, mas o governo optou pela força, com a justificativa de levar a civilização, escrita com pólvora e chumbo.

O autor relata um reduto formado por muitas pessoas ingênuas que não tinham acesso à educação formal, e eram submetidas a um meio hostil e duro à vida; não conheciam outra coisa que não fosse o sertão; eram guiados por uma fé inabalável em detrimento da razão da civilização moderna; seguiam costumes e rituais que eram transmitidos ao longo das gerações – esse era o cosmos da vida.

Entretanto, o governo se viu ameaçado com o aumento do arraial, e fez a intervenção – a mais civilizada possível –, enviando aos sertanejos a violência da guerra e a destruição. Assim, o autor finaliza a segunda parte de “Os Sertões” em um encontro de dois Brasis: um, do litoral, movido por um projeto de civilização europeia, de todo dissociada da realidade brasileira e de sua história; e outro, do sertão, que expressava a miscigenação de povos diferentes, de hábitos e costumes mestiços, que possuem na fé a esperança, e no meio ambiente sua instrução.

Os dois brasis que representou a teoria Euclidiana, foi tomada em “Os Sertões” como ponto de inflexão em suas análises, a fim de expor a teoria dominante da época, o qual viria a ser superada em meados do século XX pela teoria da dependência.

A terceira e última parte do livro intitulada “A Luta” representa a síntese da relação conflituosa entre as forças da República e os sertanejos. Essa parte é subdividida em quatro, sendo estas: Primeira Expedição; Segunda Expedição; Terceira Expedição; e Quarta expedição. Contudo, as mesmas estão divididas em 34 capítulos que descrevem minuciosamente o avançar e recuar das tropas e suas dificuldades ante o meio natural.

Contudo, em 1897 durante o mês de setembro organizou-se o ataque final sobre Canudos com 5.871 homens, que foi realizado no início de outubro. Assim, em 05 de outubro de 1897, Canudos foi completamente devastada pelas tropas. Euclides da Cunha relata esse momento derradeiro nas seguintes palavras:

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiram raivosamente cinco mil soldados. (CUNHA, 2018, p. 778).

Ao longo do dia 6 de outubro foram destruídas as 5.200 casas que havia ali. Canudos “era um parêntese; era um hiato. Era um vácuo. Não existia”. Fora completamente destruída

pela força civilizadora da pólvora (CUNHA, 2018. p. 677).

“Os Sertões” denuncia a irresponsabilidade do Estado, ante os milhares de brasileiros(as) que viviam a margem da sociedade, oprimidos pela oligarquia rural nordestina, por um sistema latifundiário concentrador de terras, e pela ganancia de coronéis. Contudo, a obra “Os Sertões” é contada na ótica de um engenheiro militar, de inspiração positivista, que presenciou de perto a hecatombe da opressão e da miséria, e a resistência de milhares de sertanejos que lutaram bravamente até o fim, conclui que “[...] foi um recuo prodigioso no tempo; um resvalar estonteador por alguns séculos abaixo” (CUNHA, 2018, p. 735.).

Assim ocorreu o extermínio de milhares de sertanejos, homens que buscavam na terra seu alimento, e na fé sua esperança. O movimento messiânico e a organização de Canudos representaram e representam um hiato na história do Brasil; especificamente enquanto movimento pela terra e por direitos básicos, que foi negligenciado e negado a milhares de camponeses, que viviam a margem, na fronteira, entre que se denominava de civilidade e barbárie, um dualismo retrogrado e tacanho, que cultivou a mentalidade brasileira.

Assim a obra “Os Sertões” tonou-se referência para entender o conflito, entre uma nacionalidade artificial, formada no litoral, e uma de fato forjada no interior do Brasil, por milhares de sertanejos que lutavam pela sua liberdade ante a opressão imposta pelas forças colonizadoras. Essas espacialidades foram trazidas a lume ao longo da obra, tanando-a cânone da Literatura nacional.

GERAÇÃO DO DESERTO: EM BUSCA DA TERRA PROMETIDA

“Geração do Deserto” é um romance regionalista, publicado pela primeira vez em 1964, pela editora Civilização Brasileira, no Rio de Janeiro. A obra retrata ficionalmente a Guerra do Contestado, na região limítrofe dos atuais estados do Paraná e Santa Catarina, além da cultura da população do planalto lageano. Um saber geográfico é facultado através de sua narrativa, mediado pela visão do caboclo e sua relação com o meio. Por conseguinte, a obra apresenta os conflitos provocados pelas relações díspares entre uma República recém-formada e milhares de homens que lutavam por suas terras, sujeitos à pobreza no interior do país. Esse romance – escrito em terceira pessoa – possibilita uma aproximação dos fatores que levaram ao conflito, permitindo a problematização do tema. A obra está diretamente vinculada ao regionalismo, que se caracteriza pela busca da identidade brasileira e sua afirmação.

Essa obra foi baseada em um amplo levantamento bibliográfico, realizado pelo autor, que, diferente de Euclides, não presenciou o conflito *in loco*. O levantamento realizado por Guido Wilmar Sassi envolveu pesquisas etnográficas e etnológicas, desde levantamentos documentais até relatos de pessoas que presenciaram o conflito.

O autor buscou, por meio de seu romance, dar voz aos sertanejos que viviam nas

paragens do interior catarinense e paranaense, que acabaram duramente reprimidos pelas forças militares e por mercenários.

Assim, ele conta o fenômeno do Contestado pela ótica dos sertanejos, situando-lhes como personagens históricos. A obra “Geração do Deserto” tornou-se reconhecida nacionalmente por sua riqueza de detalhes, sendo um marco para a compreensão da Guerra do Contestado. Este romance também foi responsável por inspirar o filme “A Guerra dos Pelados”, lançado em 1970.

A organização social do território do Contestado é semelhante à estrutura agrária do interior do Brasil. Composta por grande concentração de terra na mão de poucos proprietários e coronéis que exerciam poder político sobre milhares de trabalhadores rurais em benefício próprio. O modelo fundiário não possibilitava aquisição de terra por parte do pequeno produtor, dificultando sua participação no sistema produtivo. A solução adotada era submeter a condição de agregado ou apadrinhado do coronel. De acordo com Queiroz:

Grosso modo as relações que se estabeleciam por toda parte no processo da produção rotineira dos bens podiam ser caracterizadas pela preponderância dos laços de dependência pessoal que prendiam a grande massa dos sertanejos a um limitado número de grandes proprietários rurais (QUEIROZ, 1981, p.43).

A região do Contestado ficava distante dos grandes centros urbanos, que se concentravam no litoral brasileiro. Dessa forma, aquela população não tinha assistência que suprisse suas necessidades.

O romance regionalista “Geração do Deserto” remete a uma expressão bíblica do velho testamento, sobre a história do povo hebreu, que, após ser liberto do Egito, caminha quarenta anos no deserto em busca da terra prometida, onde emanava leite e mel. A narrativa do livro traz uma analogia entre a história dos sertanejos, que lutavam e sonhavam com sua terra prometida, e a do povo hebreu, em sua jornada em busca da glória. Essa relação aparece na epígrafe do texto, que vem acompanhado de uma citação do livro de Números, escrito por Moisés.

Porém, quanto a vós, os vossos cadáveres cairão neste deserto. E vossos filhos pastorearão neste deserto quarenta anos, e levarão sobre si as suas infidelidades, até que os vossos cadáveres se consumam neste deserto. (SASSI, 2012, p.13).

Essa analogia entre a saga dos sertanejos no interior de Santa Catarina e Paraná, e a história bíblica do povo hebreu pela terra prometida, emerge diversas vezes ao longo da narrativa, como pode ser observado na fala do personagem Elias, líder do movimento, após a morte do monge José Maria, que encoraja o povo a lutar por sua terra:

Nós somos a geração do deserto! Como a nação dos judeus nós estamos neste deserto, em busca da terra Prometida. Faz quase quatro anos que nós declaramos a Guerra Santa e estamos lutando para conquistar nossa terra. (...) Mas a Guerra Santa tem que continuar, porque, porque nós somos a

geração do deserto, os que devem ser sacrificados. (...) No tempo de Moises ele também guiou o povo pelo deserto, e toda a geração velha morreu. Mas os que nasceram no deserto chegaram à terra de Canaã, prometida por Deus. (SASSI, 2012, p.116,117).

Essa analogia elaborada por Guido Wilmar Sassi visa ressaltar a importância da terra para o caboclo, comparando-a com a jornada do povo hebreu. Enquanto o périplo rumo à Terra Prometida durou 40 anos, a do Contestado levou quatro anos. E como os israelitas tinham Moisés como líder, os caboclos encontraram o seu em José Maria.

A terra é figura central na narrativa, como também foi ao longo da Guerra do Contestado. Com o avanço do capital sobre a região do Contestado, com destaque para a Companhia *Brazil Railway*, que desapropriou de forma violenta milhares de posseiros que viviam nas terras devolutas às margens da linha férrea, onde muitos ficaram sem suas propriedades. Essas expulsões motivaram os sertanejos a se levantar contra o poder vigente.

Além dessa companhia, havia outra conhecida como *Southern Brazil Lumber e Colonization Company*, criada pela *Brazil Railway* para explorar as terras adjacentes à estrada de ferro e outras que viessem a adquirir. A mesma passou a deter o monopólio da exploração da madeira na região, atingindo diretamente a economia das famílias que dependiam da madeira e da erva mate, aprofundando ainda mais as questões sociais e a luta pela terra. De acordo com Queiroz:

Não eram apenas as firmas estrangeiras que se aproveitavam desses negócios. Deles se beneficiavam também, em larga medida, os coronéis do interior e seus apaniguados, em suma, todos os que dispunham de influência política sobre os governos estaduais. (QUEIROZ, 1981, p. 75).

A fim de explorar esse contexto em sua obra, Guido Wilmar Sassi a organizou em quatro capítulos - Irani, Taquaruçu, Caraguatá e Santa Maria - locais ficcionais relacionados às localidades onde formaram-se de fato os principais redutos dos caboclos e em que ocorreram os conflitos armados.

A obra problematiza as questões que transpassam o Contestado, desde os capitais estrangeiros e seus reflexos, até questões políticas e sociais que melindram a vida de sertanejos que viviam na região.

O movimento messiânico, construído ao longo da narrativa, consegue transmitir sua legitimidade como reflexo da resistência ao poder que visava dominar e submeter os caboclos.

O messianismo torna-se um elemento primordial na resistência, pois através desse que milhares de sertanejos se reúnem a fim de lutar pelos seus direitos que foram negados e reprimidos pelos poderes políticos e econômicos. Encontram no sagrado o fio condutor na construção de uma nova ordem social, que contemple suas necessidades.

Em alguns momentos o autor faz referência à Guerra de Canudos, por intermédio do

diálogo da tropa de veteranos que haviam lutado no interior da Bahia contra os nordestinos, e agora atacava os caboclos do sul do Brasil, o qual pode ser observado na seguinte passagem:

Os veteranos comentavam:

- Bem como em Canudos. Na Campanha. Na Campanha de Canudos a gente passou mal assim também. Esses jagunços daqui são iguais aos de lá: uma feras, uns diabos. Mas lá a gente acabou vencendo.

Zangados, os oficiais de quando em quando ordenavam alto, e varriam a mata com rajadas de metralhadora, procurando atingir o inimigo. (SASSI, 2012, p. 125).

Guido Wilmar Sassi finaliza seu romance com desfecho trágico no reduto de Santa Maria, no qual centenas de caboclos foram mortos e o líder Adeodato foi preso pelas tropas.

O autor consegue magistralmente narrar a guerra do Contestado, desde a perspectiva do caboclo, daqueles que sofreram a violência do capital estrangeiro, das políticas nacionais e estaduais, além dos coronéis que os oprimiam há tempos. O romance propicia essa aproximação dos fatos por intermédio da ficção, ressaltado aspectos e informações sonogados pela história oficial, possibilitando a conservação da memória de um povo. De acordo com Monteiro (2002, p.15): “Não se trataria, de nenhum modo, de substituir a análise científica pela criação artística, mas apenas retirar desta (Literatura) novos aspectos de “interpretação”; reconhecê-la como um meio de enriquecimento”.

O romance “Geração do Deserto” se aproxima da obra “Os Sertões”, pela narrativa rural, por dar visibilidade a milhares de homens e mulheres que viviam no interior do Brasil, de forma degradante, sob o regime coronelista.

A LITERATURA COMO REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO VIVIDO

As Duas obras literárias apresentadas, “Os Sertões”, de Euclides da Cunha e “Geração do Deserto”, de Guido Wilmar Sassi, representam o desvelar de um Brasil profundo e autêntico.

As questões agrárias, como a luta pela terra, os movimentos messiânicos, o abandono dos sertanejos pelo Estado e a guerra, são temas centrais em ambas narrativas. A Literatura trouxe a lume a realidade profunda do Brasil agrário, até o início do século XX, pouco explorado pela ciência.

Desse modo a Literatura, inclusive com início do modernismo, passa a dar visibilidade à população abandonada que vivia no interior do Brasil e nas periferias das grandes cidades. Essa população, que não dispunha de meio e ferramentas cognitivas para manifestar sua indignação, era massacrada diariamente pelas instituições políticas e econômicas. A Literatura emprestou a esses homens e mulheres, o verbo. O Brasil, antes em silêncio, passa a reverberar suas mazelas e injustiças, defronte à elite colonizadora.

O engajamento dos escritores tornou-se vigente, como é o caso de Euclides da Cunha e Guido Wilmar Sassi, que em seus escritos se voltaram para uma população de tradição oral, que não eram representadas pelos manuais científicos ou pelos meios de comunicação da época. Viviam à margem da sociedade. Eram estigmatizados.

Com o engajamento, valendo-se da liberdade criadora, os autores contribuíram para a formação de uma Literatura que expõe as questões sociais, históricas e políticas, que permeiam o sistema agrário brasileiro, possibilitando a leitura desses movimentos, chamando atenção para essa população.

Esse olhar mais incisivo sobre a realidade nacional tornou o espaço geográfico e as relações sociais, fontes de inspiração para os escritores, que buscavam no drama concreto vivido da população a fonte de seus escritos e reflexões.

Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período. (CANDIDO, 2000, p. 182).

Dessa forma, a Literatura modernista ressaltou a importância do espaço vivido, esse espaço concreto do cotidiano, que representa a realidade de milhares de brasileiros até o momento esquecidos, sem voz. Desse modo, enfatiza o geógrafo Michel Collot (2012, p.27) “O espaço parece, portanto, aproveitar a crise da narrativa e da psicologia tradicional para ocupar um lugar crescente na ficção contemporânea”.

O espaço vivido ocupa lugar central na narrativa ficcional, especificamente no Modernismo, que trata das relações dos homens com seu entorno social, político, cultural e econômico; ressaltando as tramas vividas diariamente pela população marginalizada.

O livro de Roberto Schwarz, “Os pobres na literatura brasileira”, tem como tema central a produção literária brasileira, enfatizando o retrato de um Brasil para além do erudito. Um Brasil construído através da narrativa dos deserdados e abandonados pela pátria, que são exemplos os sertanejos de Euclides da Cunha; os severinos de João Cabral; os retirantes de Graciliano Ramos.

A representação da espacialidade por intermédio de obras literárias possibilita inferir questões a respeito da mesma, possibilitando a problematização da realidade e de suas especificidades, por oferecer uma forma de inserção no mundo.

Através da escrita o autor busca representar suas experiências, as quais são compostas pelos símbolos, signos e significados. Os mesmos são decodificados pelos leitores, resultando em uma imagem mental espacial, de acordo com sua vivência e informações.

Assim, a representação literária seria uma apropriação do espaço vivido, por um observador privilegiado, que experimenta e vive as forças atuantes, que permeiam o real. Através desse processo, o escritor visa representar o real simbolicamente, em sua

complexidade, por intermédio da liberdade criadora. Contudo, vale ressaltar que o real está em constante movimento transformante, criando novas realidades.

“Toda representação é uma imagem, um simulacro do mundo a partir de um sistema de signos, ou seja, em última ou em primeira instância, toda representação é gesto que codifica o universo, do que se infere que o objeto mais presente e, ao mesmo tempo, mais exigente de todo processo de comunicação é o próprio universo, o próprio real. Dessa presença decorre sua exigência, porque este objeto não pode ser exaurido, visto que todo processo de comunicação é, se não imperfeito, certamente parcial”. (FERRARA, 1986,p.7).

Desse modo, a Literatura representa a apreensão da espacialidade em sua complexidade, por intermédio da linguagem, que visa comunicar e expressar o mesmo. Assim, as obras literárias possuem como fonte a própria realidade, material e imaterial, que permeia as experiências humanas, salientando a região dos homens. Segundo Frèmont (1980, p.261) “o despertar para uma arte do espaço só é concebível na familiaridade dos poetas, romancistas, pintores ou cineastas, que têm evocado, melhor do que as nossas descrições, a região dos homens. É através do fenômeno da arte que decifra o mundo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura possibilita aproximação com espaço vivido, no caso aqui de Canudos através da obra “Os Sertões”, e do Contestado, por meio do romance “Geração do Deserto”. Dessa forma tona-se possível conceber as organizações do espaço, que foram suprimidas pela força do Estado, em um movimento de reordenamento territorial, para atender aos interesses do mercado, inclusive de capitais externo.

De acordo com Sevcenko (2003, p.30), “A literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos.

A Literatura também fala ao geógrafo sobre o espaço, e suas formas e funções que foram vencidas pela força do capital, a fim de atender aos interesses alheios a população local. Assim a tabela a seguir expõe as diferenças na organização do espaço com base nas obras adotadas:

Organização do espaço de acordo com os preceitos comunitários.	Organização do espaço de acordo com os preceitos Capitalista.
Propriedade coletiva da terra	Propriedade privada da terra
Solidariedade	Impassibilidade
Divisão de bens	Concentração de bens
Princípios escatológicos	Princípios mercadológicos
Mutirão	Força de trabalho como mercadoria

Tabela 1 - Comparativo entre a organização do espaço Comunitário e Capitalista.

Pela observação dos aspectos mencionados, é possível evidenciar que a Literatura pode ser entendida como discurso que contrapõe o monopólio do discurso oficial, por destacar as múltiplas espacialidades vividas pela população desassistida, que é constantemente atacada a fim de atender os interesses do mercado.

Assim a Literatura permite visitar a espacialidade do arraial de Canudos e os redutos do Contestado, que foram suprimidas pelas forças colonizadoras do capital.

A realidade de milhões de brasileiros continua sendo o sonho da “terra prometida”, sem violência, acesso à educação e saúde de qualidade, moradia própria e lazer. Contudo, as forças colonizadoras do capital e o abandono do Estado, promovem o desenvolvimento do subdesenvolvimento, propiciando a reprodução da desigualdade. Dessa maneira, milhões de pessoas buscam abrigo na religiosidade, esperando o paraíso após tanto sofrimento, como foi caso de Canudos e do Contestado.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. “**A revolução de 30 e a cultura**”. In: A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 2000. p. 181-198.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

COLLOT, M. **Rumo a uma geografia literária**. *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 33, p. 17-31, 2012.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci. – 5. Ed. – Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: SESI-SP editora, 2018. – (Coleção Clássicos Comentados).

FERRARA, Lucrécia D’Aléssio. **Leituras sem Palavras**. série Princípios, Ed. Ática, São Paulo, 1986.

FRÉMONT, A. **A Região Espaço Vivido**. Coimbra, Almedina. 1980.

LEVINE, R. **O sertão prometido: o massacre de Canudos**. São Paulo: Edusp, 1995.

MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso - ensaios de sociologia da história lenta**. 1994. São Paulo: Hucitec

MARTINS, P. E. **Canudos: Organização, poder e o processo de institucionalização de um modelo de governança comunitária**. Cad. EBAPE .BR, v. 5, n. 4, p. 1-16, 2007.

MONIZ, Edmundo. **CANUDOS: A GUERRA SOCIAL**. 2. ED. CORR. E AUM Rio de Janeiro, RJ: ELO, 1987.

MONTEIRO, C.A.F. **O Mapa e a Trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002.

MURARI, Luciana. **Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país D' Os Sertões**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fepemig, 2007.

QUEIROS, M, V de. **Messianismo e Conflito Social: A Guerra Sertaneja do Contestado, 1912-1916**. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1981.

SASSI, G.W. **Geração do Deserto**. 5. Ed. Porto Alegre: Movimento, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2^a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VILLA, Marco Antonio. **Canudos: O povo da terra**. São Paulo: Ática, 1995.

SOBRE O ORGANIZADOR

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA - Professor do curso de Design na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica (PPGED) - área de concentração em Família e Sociedade - pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), atuando na linha de pesquisa Trabalho, Consumo e Cultura. É bacharel em Ciências Humanas, pelo Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora (BACH/ICH - UFJF); licenciado em Artes Visuais, pelo Centro Universitário UNINTER; e, tecnólogo em Design de Moda, pela Faculdade Estácio de Sá -Juiz de Fora/MG. Realizou cursos de especialização nas seguintes áreas: Moda, Cultura de Moda e Arte, pelo Instituto de Artes e Design da Faculdade Federal de Juiz de Fora (IAD/UFJF); Televisão, Cinema e Mídias Digitais, pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACOM/UFJF); Ensino de Artes Visuais, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED/UFJF); e, Docência na Educação Profissional e Tecnológica, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais - Campus Rio Pomba (IF Rio Pomba). Tem interesse nas áreas: Moda e Design; Arte e Educação; Relações de Gênero e Sexualidade; Mídia e Estudos Culturais; Corpo, Juventude e Envelhecimento, dentre outras possibilidades de pesquisa num viés da interdisciplinaridade.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ambiente sonoro 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 134

Arte ativista 1, 2, 3, 4, 9, 11, 13, 14, 16, 24

Arte contemporânea 1, 3, 4, 9, 13, 14, 15, 35

Artes 3, 7, 10, 12, 25, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 71, 80, 119, 123, 128, 129, 130, 131, 134, 135, 144, 145, 169, 189

B

Bebês 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 80

C

Canto coral 130, 131, 135, 136, 139, 143, 144, 145

Capitalismo 6, 23, 163, 174

Cinema 7, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 35, 175, 189

Coletivos 2, 3, 12, 14, 15, 16, 20, 153

Comunidade 2, 11, 72, 107, 174, 178

Conhecimentos multidisciplinares 85

Covid-19 22, 54, 60, 61, 62, 63, 69, 106, 107, 126

Criação musical 92, 93, 94, 95, 96, 102, 103, 104, 121

Cultura digital 161, 162

Currículo 54, 72, 76, 146, 147, 148, 150, 153, 157, 158, 159

Cursos de graduação em música 92

D

Deficiência física/neuromotora 71, 72, 73

Designer 161, 162, 164, 165, 166, 168, 172

Documentário 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36

E

Educação escolar 119, 151, 152

Educação musical 50, 51, 52, 55, 57, 58, 62, 63, 64, 67, 68, 71, 73, 74, 75, 83, 84, 94, 95, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 118, 119, 120, 121, 125, 126, 131, 135, 143

Educação musical especial 71, 73, 74, 75

Espaço vivido 174, 175, 179, 184, 185, 186, 187

Estética 1, 4, 5, 9, 10, 11, 13, 14, 38, 44, 52, 93, 105, 129

Extensão 60, 62, 64, 65, 67, 68, 85, 86, 144, 150

G

Gamificação 106, 108, 109, 110, 111, 116, 117, 118

Geografia 146, 147, 149, 150, 152, 153, 154, 158, 159, 160, 164, 174, 175, 187

I

Indígena 146, 147, 148, 151, 153, 154, 156, 157, 158, 159

Infância 38, 60, 62, 63, 71, 72, 80

Informação 53, 58, 107, 108, 147, 161, 165, 166

J

Jornadas de junho 14, 15

M

Minas Gerais 35, 69, 92, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 154, 158, 159, 189

Movimento 2, 4, 5, 6, 9, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 26, 28, 30, 32, 33, 34, 54, 56, 57, 122, 123, 124, 125, 127, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 153, 159, 169, 176, 181, 182, 183, 186, 188

Movimento Negro 146, 153, 159

Música 20, 50, 51, 52, 55, 58, 60, 61, 62, 63, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 74, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 138, 143, 145, 175

Música contemporânea 94, 119, 120, 121, 124, 125, 128, 129

O

Organismo Parque Augusta 2, 14, 15, 19, 22

P

Paisagem sonora 119, 121, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 134, 138, 139, 140, 141, 145

Paralisia Cerebral (PC) 71, 73

Parque Augusta 2, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24

Percepção musical 92, 93, 95, 96, 102, 103, 104

Pesquisa 14, 23, 26, 46, 47, 52, 56, 59, 60, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 85, 86, 88, 91, 105, 110, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 146, 147, 154, 156, 172, 175, 189

Política 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 16, 18, 19, 20, 35, 37, 39, 54, 148, 151, 177, 183

Q

Quiz 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118

R

Regimes da arte 1, 12

Registro gráfico musical 130



S


Sertanejo 174, 177, 178


Sustentabilidade 85, 163

V

Vanguardas antiartísticas 1, 12

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

A arte

e a

cultura

e a


formação humana

 **Atena**
Editora

Ano 2022

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

A arte

e a

cultura

e a

formação humana

 **Atena**
Editora

Ano 2022